

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

AMÁBILE GRILO SILVA

**PARA ALÉM DOS MUROS: HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES**

Rio de Janeiro

2016

AMÁBILE GRILO SILVA

**PARA ALÉM DOS MUROS: HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora Doutora: Maria de Fatima Sousa de Oliveira Barbosa

Coorientadora Doutora: Patrícia Malmann Souto Pereira

Rio de Janeiro

2016

S586p Silva, Amáble Grilo
Para além dos muros: histórias de vida e a construção da memória na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes / Amáble Grilo Silva. – Rio de Janeiro, 2016.
56f.

Orientadora: Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa.
Coorientadora: Patrícia Mallamnn Souto Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2016.

1. Biblioteca Comunitária. 2. Histórias de vida. 3. Memória. I. Barbosa, Maria de Fátima Sousa de Oliveira, orient. II. Pereira, Patrícia Mallmann Souto, coorient. III. Título.

AMÁBILE GRILO SILVA

**PARA ALÉM DOS MUROS: HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Prof. Dra. Maria de Fatima Sousa de Oliveira Barbosa
Orientadora

Prof. Dra. Patrícia Malmann Souto Pereira
Coorientadora

Prof. Dra. Ana Senna
Membro interno

Prof. Me. Robson Santos Costa
Membro externo

Se ainda existo em físico e espírito neste mundo de meu Deus é porque tenho anjos na minha vida que me incentivaram e continuam acreditando em mim. A meus queridos pais, Romilda e Rui, meu irmão Ruizinho e a meu amado companheiro Jefferson.

AGRADECIMENTOS

Pode parecer clichê, e é, somente não sei como seria a minha vida sem o apoio dos meus pais. Não apenas pagando colégio, comprando livros e dando dinheiro para eventuais atividades extracurriculares que surgiam durante o ano escolar, mas foi o acompanhamento lado a lado de uma vida estudantil inteira. Era o incentivo, eram os momentos dedicados a mostrar e ensinar que os estudos são a única herança que eles iriam deixar e da qual ninguém poderia me tirar. À minha mãe e a meu pai.

Ao meu namorado e companheiro nestes quase dez anos entre namoro e convivência diária sob o mesmo teto. Se não fosse por ele não estaria aqui no Rio de Janeiro terminando de realizar esta fase tão grandiosa da minha vida. Com muito amor, agradeço por fazer parte da minha existência e por ter me ajudado pacientemente (hein?) e sem reclamar (só que não) a transcrever a minha entrevista com o seu Evando para o computador numa bela madrugada de sexta-feira. Amo você!

Ao meu irmão Rui Júnior, mais conhecido pelo apelido familiar e carinhoso Ruizinho. Meu primeiro melhor amigo agradeço a todos momentos que compartilhamos numa infância saudável e gostosa em que memorizávamos livros infantis, competíamos quem montava mais rápido quebra-cabeças ou, simplesmente, nos divertíamos assistindo Chaves, desenhos animados ou filmes B de comédia, ação e terror.

A todos os professores que estiveram ou ainda estão no CBG (também àqueles que não são de Biblioteconomia, mas em algum momento deram aula para o curso) e dedicaram sua paciência a ouvir minhas dúvidas ou que acolheram minhas ideias dentro e fora da sala de aula.

Entre todos agradeço de coração o prazer de ter sido orientada pela Maria de Fátima Barbosa e coorientada pela Patrícia Malmann (também minha orientadora no Projeto Final I). Só consegui terminar este trabalho porque vocês acreditaram em mim.

Aos amigos e colegas, parceiros desta jornada insana que é passar pela UFRJ e sobreviver, obrigada pelo zelo com a nossa amizade e com o carinho que me trataram.

A Pedro Lucas que, no primeiro dia do Sisu de 2011.1, conseguiu fazer a minha inscrição em Biblioteconomia por conta de um destes meus relapsos de esquecer a página do site aberta em computador alheio, pois é, não esqueci.

Também agradeço a Luisa Olmo, Antônio Carlos Santos, vulgo Toinho, e Vinícius Rafael Chagas por todos os bons momentos de desespero para concluir os trabalhos em grupo.

Ao senhor Evando dos Santos, que me encantou com sua história e teve paciência de me conduzir até a biblioteca, apresentá-la como se fosse sua casa e responder a todas as minhas perguntas. Desde que li uma reportagem na versão impressa do Jornal do Brasil sobre seu amor pelos livros, num domingo qualquer de 2010, até hoje em nada mudou meu respeito para com sua dedicação à comunidade em que vive.

A todos os meus colegas de trabalho da Biblioteca Prof. Emérito Agrícola Bethlem no Instituto Coppead da UFRJ que me apoiaram e me acalmaram nos momentos finais de ajustes e entrega do TCC. A Ana Rita, bibliotecária chefe, às bibliotecárias Andresa, Claudia e Jaqueline, ao bibliotecário Anderson, à assistente administrativa e baiana arretada como eu, Marlene, à estagiária (agora nova amiga) Luana e não menos Valéria da limpeza por me incluir em suas orações. Muito obrigada a todos vocês!

“Só é grande a liberdade,
Que sacode a majestade,
E arranca a juba dos reis! ...”
(TOBIAS BARRETO, 1864, p. 89).

RESUMO

Esta pesquisa é uma descrição da memória da fundação da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, bem como um registro das ações desenvolvidas por esta biblioteca no âmbito da comunidade da Vila da Penha. Para descrever o entorno, fez-se necessário trazer reflexões sobre os conceitos de bibliotecas comunitárias e do termo comunidade. Por meio de uma busca bibliográfica (livros, artigos e folhetos) e de entrevista não estruturada foram analisadas, de maneira panorâmica, conceitos e fundamentos da história e da Biblioteconomia para serem desenvolvidos em comunhão com a memória. A prática memorialista e seu registro só fazem sentido quando disseminada através de produtos informacionais, permitindo assim uma reflexão sobre a comunidade e seu passado, presente e futuro. Não obstante, histórias de vida acrescentaram aspectos da preservação de tradições culturais e sobre a produção e socialização do conhecimento para melhor integrar a unidade de informação com o patrimônio cultural. Pensar o espaço da Vila da Penha permite a transformação efetiva da sua estrutura social, econômica e ambiental. Conclui que a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes precisa de uma equipe de pessoas preparadas para ajudar e continuar o processo de construção da memória, juntamente com seu registro e materialização.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária. Histórias de vida. Memória. Disseminação da Informação.

ABSTRACT

This research is a description of the memory of the foundation of the Tobias Barreto de Menezes Community Library, as well as a record of the actions developed by this library within the Vila da Penha community. To describe the environment, it was necessary to bring reflections on the concepts of community libraries and the term community. Through a literature search (books, articles, brochures and interviews) were analyzed in a panoramic way, concepts and fundamentals of history and library science to be developed in communion with memory. The memoirist practice and his protocol only make sense when disseminated through information products, thus, a reflection on the community, their past, present and future. Nevertheless, life stories add aspects of the preservation of cultural traditions, production and socialization of knowledge to better integrate information unit with the cultural heritage. To think the space of Vila da Penha, allows the effective transformation of it's social structure, economic and environmental. It concludes that the Tobias Barreto de Menezes Community Library needs a team of people prepared to help and continue the process of memory building, along with its registration and materialization.

Keywords: Community Library. Life Stories. Memory. Dissemination of Information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Comparação entre bibliotecas públicas e comunitárias.....	21
Figura 1 -	Coleção que deu início ao acervo da Biblioteca Tobias Barreto.....	25
Figura 2 -	Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes.....	26
Figura 3 -	Trabalho escolar sobre a Vila da Penha.....	30
Figura 4 -	Infância do senhor Evando em barro.....	33
Figura 5 -	Cartaz sobre a infância do senhor Evando.....	34
Figura 6 -	Painel no museu da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes.	35
Figura 7 -	Peixe petrificado.....	36
Figura 8 -	Gavião-carijó taxidermizado.....	38
Figura 9 -	Material em má conservação.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	PROBLEMA	13
1.2	JUSTIFICATIVA	13
1.3	OBJETIVOS	15
1.3.1	Objetivo geral.....	15
1.3.2	Objetivos específicos.....	15
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
2.1	CAMPO DE PESQUISA.....	16
2.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	16
2.3	POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	17
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
3.1	COMUNIDADE.....	18
3.2	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA.....	20
4	EVANDO DOS SANTOS E SUA BIBLIOTECA.....	24
4.1	APRENDENDO A LER.....	24
4.2	O PRINCÍPIO DE UMA AMIZADE COM OS LIVROS.....	24
4.3	FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA.....	25
4.4	CONSTRUÇÃO DA BIBLIOTECA.....	26
4.5	A ESTRUTURA DA BIBLIOTECA.....	28
4.6	AÇÕES CULTURAIS PROMOVIDAS PELA BIBLIOTECA.....	28
	DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA NA	
5	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE	29
	MENEZES.....	
	HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA	
6	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES.....	32
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	45
	APÊNDICE B– ENTREVISTA FEITA COM O SENHOR EVANDO.....	46

1 INTRODUÇÃO

*“Por isso na impaciência
 Desta sede de saber,
 Como as aves do deserto
 As almas buscam beber...
 Oh! Bendito o que semeia
 Livros... livros à mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro caindo n'alma
 É germe — que faz a palma,
 É chuva — que faz o mar.”*
 Castro Alves

Os famosos versos do poeta baiano Castro Alves reforçam que os livros e a leitura são ferramentas para a conquista da liberdade individual e da memória cultural e social de qualquer cidadão. Nos últimos anos tem-se notado iniciativas para criação de bibliotecas comunitárias com o intuito de facilitar o acesso à informação e à leitura moradores de comunidades.

As bibliotecas comunitárias não é um assunto muito discutido na literatura acadêmico-científica. São poucos artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que abordam o tema, menos ainda é a correlação feita do conceito com memória social. Por ser tão pouco debatido, é encontrado desacordos sobre sua conceituação e funcionalidade a ponto de não chegar um conceito definitivo. Nestas circunstâncias, a única concretude é de que ela atende comunidades periféricas com dificuldades em ter acesso à informação.

Sem se limitar a rápida conceituação feita anteriormente, será abordada no referencial teórico do presente trabalho com maior detalhamento, os empregos utilizados do termo biblioteca comunitária, como também sobre seus objetivos e usos feitos dentro das comunidades. A biblioteca comunitária, ao longo dos debates acadêmicos, ganhou conotações e denotações de lugar de memória social. Segundo Nora (1993):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituir-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui:

momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

A conceituação supracitada é importante porque é a partir dela em que o presente trabalho será formatado. Esta pesquisa relacionará a construção da memória e as histórias de vida dentro de uma comunidade e como uma biblioteca comunitária pode permear e disseminar o seu registro e sua materialização para além dos muros da biblioteca.

A Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes é o foco desta pesquisa. Localizada em uma comunidade da Vila da Penha próximo ao Largo do Bicão, foi fundada pelo senhor Evando Santos em 1998 e inaugurada em 2008 com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. A Biblioteca em questão praticamente não possui estudos biblioteconômicos, mesmo com toda a divulgação feita pelo seu fundador pela mídia em geral. Jornais de grande circulação, revistas semanais e mensais e até programas de rádio e tv pelo Brasil e fora já o entrevistaram. Além disso, a sua história de vida virou tema do livro “Un Cortile di Parole” do escritor italiano Remo Rapino.

A Vila Penha, um dos bairros mais antigos da zona Norte do Rio de Janeiro, é a população da pesquisa trabalhada. Bairro que brotou das pedras do Rio Irajá e que formavam barreiras transformadas em barreiras para os colonizadores navegantes com destino a Irajá. Eles interrompiam obrigatoriamente a viagem, onde é hoje Vila da Penha, e continuavam por terra. Ao passar do tempo, o local mudou-se em porto para as embarcações e parada necessária para a ir rumo ao interior. Foi por volta de 1600 que apareceram as primeiras casas, pomares e hortas que caracterizam a Vila da Penha. O bairro foi expandindo em torno de 1920 com as fazendas dos engenhos de açúcar e aguardente da região.

O Largo do Bicão, que também faz parte do perímetro utilizado pela Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, está localizado no entroncamento das avenidas Meriti e Brás de Pina. O largo ganhou este nome porque existia problema da falta de água que atingiu o Rio de Janeiro em 1900. Os moradores iam ao lugar buscar água, na grande torneira pública. Hoje, o largo é composto por uma praça em uma área basicamente comercial. É nesta área que o senhor Evando eventualmente divulga e dissemina as ações culturais feitas pela biblioteca.

Ao longo deste trabalho serão apresentados o problema e justificativa que surgiram ao longo da pesquisa feita sobre a unidade de informação em questão, os procedimentos metodológicos que foram utilizados, bem como a história do senhor Evando, juntamente com a da Biblioteca fundada por ele. No capítulo cinco, a disseminação da informação e da cultura na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes abordará tópicos importantes brotados

durante a pesquisa. Nos derradeiros capítulos, as histórias de vida e a construção da memória receberá tratamento analítico na perspectiva do que foi observado no espaço informacional da Vila Penha.

1.1 PROBLEMA

As mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira contemporânea são acompanhadas de circunstâncias diferenciadas e emaranhadas das quais não se passava em tempos atrás. Qualquer fato expressivo deixou de ser distante. O que era um problema do outro, transformou-se em problema de cada um.

Na tentativa de amenizar as dificuldades e atender as demandas sociais das comunidades necessitadas, pessoas se unem para construir maneiras de contornar as disparidades sociais enfrentadas cotidianamente, principalmente em locais fora do eixo mais abastados da sociedade.

As bibliotecas comunitárias surgiram no intuito dar assistência para além dos muros da biblioteca. Elas devem estabelecer e manter o diálogo com a comunidade do seu entorno, bem como compreender a realidade e discutir as dificuldades em busca de alternativas conjuntas. Também podem tornar-se espaços que amparem a construção e o registro da memória local.

Com o intuito de colaborar com a discussão sobre memória local e bibliotecas comunitárias, a problematização dessa pesquisa se expõe com a seguinte pergunta: de que maneira a construção, o registro e a materialização das histórias de vida relatadas pela Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes pode ajudar a consolidar e disseminar a memória da comunidade da Vila da Penha?

1.2 JUSTIFICATIVA

As comunidades carentes, buscando inserção social, estão reinventando seu modo de acesso à informação e preocupando-se em preservar sua memória e para estas comunidades uma das maneiras mais íntegras para conquistar seu espaço na sociedade é pela biblioteca comunitária. Nesse sentido, fez se necessário o registro desses processos e de tudo que envolve o surgimento deste tipo de biblioteca e as consequências disso para o entorno da unidade informacional em questão. Vale acrescentar o que Almeida Júnior (1997, p.102) fala sobre biblioteca comunitária.

A biblioteca deve se adequar ao perfil da comunidade que atende, utilizando técnicas bibliotecárias padronizadas preexistentes, apenas no caso em que elas coadunem com aquele perfil, colaborando na prestação de serviços e informações necessários para os membros dessa comunidade. (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p. 102).

Pesquisar biblioteca comunitária e memória no mesmo contexto, fato pouco explorado ainda, surgiu do ímpeto de buscar meios para contribuir com algo relevante e corroborar com a ideia de que biblioteca é território de memória e armazenamento de itens materiais-textuais, mesmo com todo o aparato tecnológico que as unidades de informação também podem compartilhar. Material ou imaterial, o passado das pessoas ou da comunidade deve ser disponibilizado para, mais tarde, ganhar sentido a estudiosos, bibliotecários e usuários.

Museus e bibliotecas se tornaram heterotopias onde o tempo não cessa de acumular e que não alcança o seu auge. No século XVII, mesmo no final do século, museus e bibliotecas eram a expressão de escolhas individuais. Mas a ideia de acumular tudo, de estabelecer um tipo de 'arquivo geral', o desejo de ter, num único lugar, todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de construir um lugar que congregue todos os tempos que são, por si só, fora do tempo e inacessíveis à destruição do tempo, o projeto de organizar, deste modo, um tipo de acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar imóvel, esta ideia de todo pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias da cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 1984 apud CASTRO, 2006).

O interesse pelo assunto surgiu antes mesmo de começar o curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação na UFRJ. Desde que a autora em questão leu uma reportagem em um jornal de grande circulação em um domingo de abril de 2010 sobre o pedreiro, antes analfabeto, que conseguiu montar uma biblioteca comunitária para o seu bairro. Este feito de um nordestino, como esta que escreve, pareceu um feito heroico, mesmo que a realidade seja menos grata como contou o próprio senhor em questão.

A iniciativa para pesquisa partiu do intuito de compartilhar, dentro do meio acadêmico, uma pesquisa sobre a construção e o registro da memória social e histórias de vida na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, á que não foi encontrada nenhum item de literatura na Biblioteconomia sobre o assunto envolvendo a unidade de informação em questão.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Registrar a construção e o desenvolvimento de uma biblioteca comunitária em uma comunidade da Vila da Penha no Rio de Janeiro a partir de ações organizadas pela biblioteca comunitária Tobias Barreto.

1.3.2 Objetivos específicos

- Produzir informação que possa dimensionar e compreender a constituição da memória em uma biblioteca comunitária no Rio de Janeiro.
- Identificar como a biblioteca comunitária se articula com a comunidade.
- Registrar o papel da biblioteca comunitária no resgate das histórias de vida para solidificação de uma identidade cultural e social.
- Identificar atividades disseminativas que guiam informação à comunidade.
- Analisar os processos de construção e registro social da memória pela Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para uma melhor compreensão de como foi desenvolvido a pesquisa e quais métodos utilizados, foi utilizado no trabalho os seguintes procedimentos:

2.1 CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa utilizado foi a comunidade da Vila Penha e a amostra surgiu a partir da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes. Também se utilizou de pesquisas bibliográficas e documental, já que a pesquisa também se volta para informações encontradas em livros, artigos científicos, blogs, matérias de jornais e outras fontes amplamente contempladas.

2.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico são abordados os métodos usados para realização dessa pesquisa. O meio técnico da investigação mais utilizado foi o método observacional muito usado nas ciências sociais. A observação, como elemento fundamental à pesquisa, teve seu papel fundamental para coleta de dados. Por meio do registro da observação simples, como anotações, fotografias e gravador, a pesquisadora tornou-se espectadora, de maneira espontânea, informal e não planejada.

A pesquisa utilizada foi a descritiva que é um procedimento crucial para o tipo de trabalho. Para Gil (2011):

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2011, p.28).

Outra técnica aplicada a este trabalho foi a entrevista. Retornando a Gil (2011):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2011, p.109).

A entrevista possui níveis de estruturação que a torna bastante moldável em comparação às outras técnicas de coleta de dados. A pesquisa foi submetida a uma entrevista informal, por ser menos estruturada possível e obter uma visão geral do problema pesquisado, face a face e com um estabelecimento do contato inicial.

Também foi realizada uma pesquisa documental por meio de livros captados nas bibliotecas da UFRJ e da CPRM, como explorações dos termos “Biblioteca comunitária”, “memória em bibliotecas comunitárias”, “identidade cultural + comunidade” e “Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes” no Google acadêmico e no Pantheon da UFRJ.

A estratégia de pesquisa utilizada para investigar o fenômeno da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes e a construção e o registro da memória na comunidade da Vila da Penha foi o estudo de caso. Gil (2011) afirma que “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Portanto, este trabalho, propõe a usar o estudo de caso como instrumento da pesquisa empírica com o intuito de averiguar o problema proposto estabelecido no delineamento do trabalho.

2.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Uma população é composta por conjunto de pessoas, itens ou eventos sobre os quais o pesquisador dispõe-se a fazer inferências. Para analisar uma população inteira, torna-se pouco prático ou inconveniente verificar cada membro, no entanto, é possível examinar dentro de uma porção menor cada componente. Esse subconjunto da população é chamado amostra. Ao apresentar bem uma população, uma amostra deve ser colhida aleatoriamente e ser razoavelmente grande.

Bairro da zona norte integrante da XIV Região Administrativa (Irajá) da cidade do Rio de Janeiro, a Vila da Penha foi caracterizada como objeto de estudo e população deste trabalho, no entanto, para fins didáticos, foi limitado como amostra os moradores do Largo do Bicão da Vila da Penha e os usuários da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo foi dividido em duas partes teóricas essenciais para o entendimento do trabalho desenvolvido. São estes:

3.1 COMUNIDADE

Com o intenso processo de globalização cresce a necessidade de valorização do local. A revitalização pelo apreço da comunidade surge paradoxalmente junto com o fascínio pela informação internacionalizada. A interação entre os movimentos e energias do mundo com a comunidade cria e modifica identidades globais e locais.

Por ser algo muito próximo às pessoas, a comunidade tende a representar segurança, estabilidade em um mundo que muitas vezes deixa a sensação de desproteção. O uso da palavra “comunidade” vem sendo usado indiscriminadamente causando uma confusão conceitual. Qualquer agrupamento tem sido colocado como comunidade, pode ser bairro, segmento religioso ou redes sociais de relacionamentos na internet. Grupos e redes sociais on-line têm contribuído para este desvio conceitual.

Resgatando conceitos clássicos do termo “comunidade”, Weber (1973) nos esclarece dizendo que comunidade é um conceito amplo que comporta situações heterogêneas, mas que, ao mesmo tempo, abrange fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais. O autor caracteriza comunidade como “uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”.

Segundo Weber (1973) também diz que, na comunidade, os fins são racionalmente sustentados por grande parte de seus participantes e que o sentido comunitário se contrapõe à ideia de “luta”. De acordo com o autor, nem toda participação em determinadas qualidades, da situação ou da conduta, implica em comunidade. Tampouco, a ideia comunitária pode ser definida simplesmente pela partilha de situação homogênea, ou por um sentimento de situação comum, de suas consequências e por uma mesma linguagem. Em si, isso não implica uma comunidade.

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo. (WEBER, 1973, p.142).

Apesar de todo aparato sociológico que acompanha o termo “comunidade”, não há como negar que a palavra em questão evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Contemporaneamente, seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna. Bauman (2003, p.7) salienta que “‘comunidade’ produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega”: é a segurança em meio à hostilidade.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, p.134).

Já Castells (1999, p.79) afirma que é justamente por conta das condições globalizantes do mundo que “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença”. O que o autor propõe é que, por meio de um processo de mobilização social, as pessoas participem de movimentos urbanos defendendo interesses em comum.

Apresentando uma dinâmica de fortalecimento de identidades, Hall (2006, p.85) diz: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”.

Para construção de movimentos de identidades, Castells (1999, p.24) aborda: a) identidade legitimadora: representada pelas instituições dominantes interessadas em expandir sua dominação; b) identidade de resistência: representada pelas pessoas em condições desvalorizadas e resistentes à dominação; c) identidade de projeto: ocorre quando as pessoas se mobilizam, criando uma identidade capaz de buscar a transformação social.

Castells (1999, p.84) afirma que, no mundo atual, as comunidades são construídas a partir dos interesses e anseios de seus membros, o que faz delas fontes específicas de identidades. Essas identidades podem nascer da intenção em manter o *status quo* ou de resistir aos processos dominantes e às efemeridades do mundo globalizado, ou ainda de buscar a transformação da estrutura social. Em todas elas existem processos de identidade, objetivos e interesses em comum, bem como a participação em prol desse objetivo e o sentimento de pertença, oriundo da identidade em questão. As ideias de Castells (1999) e Hall (2006)

abordam diversas maneiras de inserir os processos comunitários no contexto contemporâneo desde as abordagens originárias.

Pela perspectiva de Peruzzo (2002, p. 288-292) as várias formas de agregação solidária, no contexto da mobilização popular no Brasil nas últimas décadas, são aquelas de caráter comunitário inovador, encabeçadas por redes de movimentos sociais, associações comunitárias territoriais, associações de ajuda mútua, cooperativas populares, grupos religiosos, grupos étnicos, entre milhares de outras manifestações.

Desenvolvendo práticas coletivas e de organização comunitária, além de elementos de uma nova cultura política, na qual passa a existir a busca pela justiça social e participação do cidadão. Esse tipo de mobilização e articulação popular se diferencia das concepções tradicionais de comunidade porque constrói características comunitárias inovadoras, e sem o sentido de perfeição atribuído àquelas, que podem ser percebidas na:

Passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, a confluência em torno de ações tendo em vista *alguns* objetivos comuns, constituição de identidades culturais em torno do desenvolvimento de aptidões associativas em prol do interesse público, participação popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas. (PERUZZO, 2002, p.290).

3.2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

É perceptível a dificuldade que se tem para definir o que é uma biblioteca comunitária, geralmente é empregada pela sociedade como sinônimo de biblioteca pública ou biblioteca popular como também há divergências no meio acadêmico para defini-la.

É importante fazer uma reflexão sobre suas formas de emprego e sua relação com os tipos de bibliotecas caracterizados pela Biblioteconomia. Em boa parte dos casos, as bibliotecas comunitárias, de acordo com a tipologia biblioteconômica, poderiam ser classificadas como bibliotecas públicas, já que tem o mesmo objetivo de democratizar o acesso à informação para a comunidade local. O mesmo acontece com o uso do termo bibliotecas populares.

De acordo com Almeida Junior (1997), o termo “biblioteca comunitária” surgiu pela primeira vez nos livros da área do Brasil em 1978, por Carminda Nogueira de Castro Ferreira ao se referir à experiência americana no começo do século passado para tratar da integração da biblioteca pública com a escolar.

Almeida Junior (1997) aborda um estudo que caracteriza e identifica as diferenças entre a biblioteca pública, a biblioteca popular e a biblioteca comunitária. Quanto a tipologia, conclui que a biblioteca comunitária não pode ser caracterizada como um tipo diferente de biblioteca, pois, de modo geral, possui os mesmos objetivos e normalmente oferece os mesmos serviços que a biblioteca pública.

O adjetivo comunitário estaria sendo empregado com o intuito de destacar essa proposta de outras tantas existentes, tornando-a mais atraente, inclusive para a sociedade que, em função dessa nova designação, pode imaginá-la tratando-se de uma instituição diferente da biblioteca pública sobre a qual já possui um estereótipo formado. Assim a biblioteca comunitária passaria para a sociedade, por uma nova entidade, não carregando preconceitos e ideias preconcebidas que prejudicariam sua atuação. (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p. 107).

Entende-se os argumentos de Almeida Junior em relação à semelhança entre a proposta da biblioteca pública e da biblioteca comunitária, pois o autor estabelece sua reflexão a partir de critérios baseados no espaço, no acervo, no público e nos serviços que a unidade informacional oferece. No entanto, notando que em seu contexto, levando em conta toda a complexidade que a envolve e considerarmos outros aspectos, podemos identificar particularidades que as distinguem, tais como: (I) o objetivo em comum da comunidade pelo do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; (II) a participatividade gerando articulação local e forte vínculo com o grupo; (III) a localização em regiões periféricas; (IV) sem serem órgãos governamentais ou com ligação direta com instituições municipais, estaduais ou federais.

Quadro 1 – Comparação entre bibliotecas públicas e comunitárias

Características	Bibliotecas Públicas	Bibliotecas Comunitárias
Fundamentação	Projeto Técnico	Projeto Político Social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima – Flexível
Equipe Interna-Constituição	Funcionários de administração pública, alocados no equipamento independentemente do seu	Membros da comunidade.

	vínculo local	
Equipe Interna-Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado (2008, p. 64)

Retornando à Bauman (2003), o conceito e os sentimentos que o termo comunidade traz consigo são intensificados pela palavra biblioteca, já que está também utiliza-se do imaginário da sociedade como um espaço cheio de cultura. “Comunidade” é usada, nesse caso, para qualificar e verificar espaços de acesso à informação, leitura e ao livro, vinculados ou direcionados a grupos específicos dentro de um contexto de necessidades socioculturais.

No Brasil, a biblioteca comunitária reporta-se a uma categoria de entidade que possui seu espaço físico aberto a um público local, com acesso a informação e a várias formas de leitura e sujeito a ações culturais implementadas. Então é mais adequado identificar este tipo de biblioteca como um empreendimento social que aparece da ânsia e da necessidade de um determinado grupo de pessoas em ter a possibilidade de adquirir informação e acesso a prática da leitura num real exercício de cidadania.

Pode-se identificar então, que as bibliotecas comunitárias são como projetos associados a um grupo particular de pessoas, sem elo direto com o Estado, que têm como meta atender esse mesmo grupo, os quais possuem os mesmos problemas, os mesmos interesses e a sua própria cultura, como um grupo de moradores de uma comunidade. Estas pessoas vinculadas constituem-se como agentes coletivos, que por meio de práticas sociais intervêm numa realidade agindo de maneira modificadora.

Analisando o emprego do termo e colocando-se em observação os aspectos apresentados, de acordo com Machado (2008), a biblioteca comunitária pode ser definida como:

Um projeto social que estabelece-se como uma entidade autônoma, sem elo direto com instituições governamentais, associada com instâncias públicas e privadas locais, encabeçada por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com o intuito a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p.91).

A biblioteca comunitária também pode ser considerada território de memória, podendo atuar, de acordo com Prado (2010), como “uma entidade ativa que desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável, transferência da informação, dialogismo, etc.”. Pode exercer a função de levar aos seus usuários, sobretudo, acesso aos suportes informacionais voltados à libertação da mente humana. Para Prado (2010), neste sentido:

As bibliotecas comunitárias criam condições essenciais para trazer segmentos sociais que estão fora do processo produtivo moderno a se integrarem nas discussões sobre o que representam no processo das mudanças sociais no contexto da sociedade da informação no país. (PRADO, 2010, p. 141).

A biblioteca comunitária não pode ser apenas um lugar de leitura e de simples transferência mecânica de informação. Ela é o espaço ideal para o indivíduo apreender as informações necessárias à formação da sua consciência cidadã. São as ações dos homens e não os instrumentos tecnológicos que irão definir a orientação que o cidadão deve tomar. Porque esses instrumentos, quando selecionados pelo próprio cidadão, vão lhe facultar um nível de inclusão e integração social sustentável, autônoma e sem ingerências de ações imperativas externas.

Acima de tudo, as bibliotecas comunitárias devem seguir princípios como respeito à diversidade, à pluralidade cultural e às redes de sociabilidade locais; valorização das estratégias criativas, complexas e heterogêneas das comunidades; identificação com o espaço público; estímulo à participação como processo; reconhecimento das políticas locais.

4 EVANDO DOS SANTOS E SUA BIBLIOTECA

A história do senhor Evando dos Santos está intrinsecamente ligada a da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto. Como fundador e única figura atuante desde início, o “seu” Evando é quem continua atuando e divulgando as atividades dentro e fora dos muros da biblioteca.

Evando dos Santos nasceu em 18 de junho de 1960 em Aquidabã no estado de Sergipe, cidade pequena que fica a aproximadamente 120 km da capital Aracaju. De origem humilde, como muitos garotos pobres do Nordeste, começou a trabalhar muito cedo, aos oito anos de idade. Trocou a escola pela roça de junco e uma das suas diversões na época era ouvir literatura de cordel nas ruas. Quando adolescente, aos 15 anos, veio, juntamente com a mãe, ao Rio de Janeiro para fixar residência e, mais tarde, trabalhar como pedreiro. Não sabia ler, nem escrever.

4.1 APRENDENDO A LER

O senhor Evando afirma não sabe escrever, que sabe mesmo ler, o que ele escreve só quem consegue ler é o próprio, porque ele “come” letras. Aprendeu a ler na Bíblia quando foi para Igreja Batista em Vista Alegre. O pastor da igreja, um dia na classe da Escola Dominical, dos novos convertidos, depois que terminou, o chamou e disse: “Evando, – com muito cuidado – ler é como comer feijoada, você tem que descobrir o sabor.” Além do conselho recebido, também recebeu a seguinte dica: *“Olha, o conto é maravilhoso, o romance, tudo na literatura é bom, mas, a parte da literatura que é mais sensível, e que é a melhor pra você iniciar na leitura é a poesia.”* Começou a ler a Bíblia pelos Salmos, e o primeiro texto que leu e entendeu foi o Salmo 23.

4.2 O PRINCÍPIO DE UMA AMIZADE COM OS LIVROS

Deparou os clássicos e a iniciou a leitura com frequência quando trabalhou na Vila do João em Bonsucesso como pedreiro. Conheceu um amigo e também pedreiro, homem considerado muito sábio pelo senhor Evando. Ao terminar o almoço, iam para um canto e o senhor Evando ouvia enquanto o amigo pedreiro falava sobre Shakespeare, Tobias Barreto, Castro Alves, Machado de Assis, Rui Barbosa, Gabriela Mistral, Pablo Neruda. Recebia uma aula e a partir de então encontrou os clássicos. Desconhecendo o mundo literário, o senhor

Evando disse que, para ele, clássicos era um cigarro da Souza Cruz que tinha antigamente, então ouviu do parceiro: “Deixa de ser besta, clássico é uma literatura muito especial, clássico é aquela literatura que quase não tem defeito, a crítica considera uma leitura quase que perfeita”. Foi depois disto que aprendeu o que era clássico.

4.3 FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA

A Biblioteca Tobias Barreto foi fundada em 17 de julho de 1998, com apenas cinquenta livros, quando senhor Evando foi consertar um vazamento na casa de uma vizinha na Rua do Cajá, na Penha. Às 13:00, estava com a bolsa de ferramentas, na companhia da esposa Maria José, quando desceram do ônibus 942 e depararam-se com uma loja de peças de automóveis do senhor Luís Tinoco Cozzolino, já falecido.

No balcão haviam cinquenta livros dentre eles escritos do Machado de Assis e Tobias Barreto, Coleção dos Titãs e Histórias do Brasil do Pedro Calmon. Pegou esses cinquenta livros, pôs em uma sacola. Consertou o vazamento, levou os livros para casa e já tendo a ideia de montar uma biblioteca.

Figura 1 – Coleção que deu início ao acervo da Biblioteca Tobias Barreto



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Veio à sua mente Tobias Barreto de Menezes, porque foi o primeiro filósofo brasileiro a defender as mulheres, homem muito sábio, considerado um dos maiores gênios da literatura brasileira, da filosofia, do direito e da poesia do condoreirismo, por isto o colocou como patrono. Voltou a loja de peças dias depois, encontrou mais trezentos livros e trouxe-os para casa. A biblioteca nasceu e cresceu na rua Engenheiro Augusto Bernacchi, nº 130, com cinquenta livros e hoje conta com um acervo de setenta mil livros aproximadamente.

4.4 CONSTRUÇÃO DA BIBLIOTECA

Figura 2 – Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes



Fonte: <http://vivaentreamigos.blogspot.com.br/2011/08/o-acervo-da-biblioteca-comunitaria-da.html>

O prédio atual foi inaugurado em 12 de dezembro de 2008. O senhor Evando estava aplicando o piso na casa de algum vizinho próximo da rua em que mora. Chegou em casa por volta das 13:00, ligou a televisão e passava no programa o arquiteto Oscar Niemeyer sendo entrevistado por um apresentador.

Apareceu o telefone para contato na parte de baixo da tela rodapé. Pensando na sua biblioteca, anotou o número e ligou imediatamente. Levou mais de meia-hora para ser atendido. A moça que o atendeu, ouviu sua história e sugeriu que falasse diretamente com ele no ar. Conversou diretamente com o senhor Niemeyer no ar e lhe pediu ajuda. O arquiteto gostou da sua ideia sobre o projeto para biblioteca e disse que, ao adquirir o terreno, faria o

projeto. Procurou, mas ninguém doou terreno, teve que ceder um terreno baldio pertencente do próprio e de sua mãe Zelita da Cruz da Mata.

Após a doação do terreno, registrou em cartório para construção da biblioteca. Já possuía o projeto, o terreno, então como fazer? Sem desistir do sonho, então, um conhecido jornal paulistano de grande circulação fez uma matéria num domingo e o colocou na capa: “o pedreiro literário com biblioteca na garagem ganhou um projeto do Niemeyer...”.

Contou a matéria que tinha um sonho de enviar livros para Angola, por conta da história dos 90% dos negros que vieram para o Rio de Janeiro durante a escravidão. Eram negros Bundas, Ambundos, Quimbundos. No acervo da biblioteca havia uma gramática da língua Bunda. Com repercussão da matéria, um leitor que viva em Angola, entrou em contato interessado pela tal gramática e tratou de conhecer o projeto. Foi através desta pessoa e de uma associação angolana que conseguiram mandar quatro mil e seiscentos livros.

Por conta deste intercâmbio, o senhor Evando interessou-se em trazer o Cônsul Geral de Angola para tomar um chá na Academia Brasileira de Letras. Ligou para o Dr. Paulo Mercadante, já falecido, amigo da biblioteca e um dos maiores biógrafos de Tobias Barreto. Não foi apenas para o Dr. Mercadante, que o senhor Evando ligou. Entre tantas ligações e conversas chegou ao telefone de um ex-vereador que conhecia sua história por conta da matéria no jornal. Aconselhou-o a pegar o projeto do Niemeyer, o jornal com a reportagem e levar em data marcada no Conselho de Engenharia na avenida Rio Branco. O Ex-vereador ficaria encarregado de levar o projeto para a então governadora Rosinha Garotinho, para o Prefeito César Maia e para o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) com o intuito de conseguir recursos para fazer a obra.

A governadora concedeu um título para captar recursos na iniciativa privada, porém não obteve resultado. No BNDES leram o projeto, gostaram e ligaram. O banco doou para a biblioteca a quantia de seiscentos e cinquenta e um mil reais para obra. Custou seiscentos e trinta mil, sobrando vinte e um mil reais que a Associação Centro Cultural da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto devolveu ao banco.

4.5 A ESTRUTURA DA BIBLIOTECA

A biblioteca possui estatuto e CNPJ, porque, caso não tivesse, não poderia ter sido feita pelo BNDES. Tem diretoria, tem conselho fiscal e conselho financeiro. Cada pessoa possui uma função. Há uma reunião a cada seis meses, no então, quando não é feita torna-se anual com a diretoria para discutir sobre do que foi feito na biblioteca. No momento em que este trabalho foi concluído não havia funcionários ou voluntários trabalhando para Biblioteca, apenas o senhor Evando para todas as funções.

4.6 AÇÕES CULTURAIS PROMOVIDAS PELA BIBLIOTECA

A biblioteca quando não tem visitante, está na rua com o Homem-Livro, entregando e falando sobre livros e poesias. O Homem-Livro é um personagem criado pelo senhor Evando. Ele se caracteriza com uma vestimenta de cartolina com recortes de textos colados e sai às ruas duas a três vezes por semana em pontos do Rio de Janeiro. Também entrega folhetinhos com uma bala. E o lema é: *“Ler a historinha do passeio, é como chupar uma bala, doce como mel”*.

São entregues quarenta ou cinquenta livretos de literatura de cordel com uma bala, em duas a três horas. São distribuídas nas escolas revistinhas em quadrinhos, são feitos também arrastões literários, não somente no Rio de Janeiro como diversos lugares do país. Além de todos os movimentos culturais promovidos pela biblioteca, o senhor desenvolve atividades de preservação da memória do bairro em que a unidade de informação em questão se encontra, no caso Vila da Penha.

Arrastão literário é outra ação cultural promovida pela biblioteca não somente no Rio de Janeiro como em outros estados. É escolhido um patrono que poder ser um poeta, um escritor ou qualquer outro brasileiro que tenha destacado-se na literatura e é divulgado, principalmente em escolas, o conteúdo da sua obra aos estudantes. Depois são distribuídos livros, folhetos ou revistas em quadrinhos às crianças.

Para disseminar a memória local e atendendo às necessidades estudantis, em parceria com a moradora Solange Perruzo, o senhor Evando escreveu um livro com relatos e histórias de vida dos moradores da Vila da Penha do qual a motivação principal foi registrar e disseminar a memória da comunidade local.

5 DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES

A Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes pode encaixar-se no que Barros (2003, p. 10) afirma como “uma unidade de informação que se deseja atuante no cotidiano da comunidade, guardiã de seu passado e participativa no rumo do seu futuro”. A biblioteca comunitária estudada é uma unidade de informação auto-gerida, ou seja, atende à comunidade em geral, com um acervo formado por uma grande variedade de assuntos e tem sua gestão administrada por integrantes da própria comunidade na figura do senhor Evando dos Santos.

O senhor Evando não é um bibliotecário de formação, mas desempenha o papel de agente da disseminação da informação e da cultura na biblioteca como também na comunidade da Vila da Penha e no país a fora. Como promotor da leitura, o senhor Evando estimula a leitura por meio de doações de livros, entrega de folhetos, declamações de poesias e mediações de leituras para estimular e promover o desenvolvimento intelectual das pessoas, principalmente aos moradores do Largo do Bicão onde ele tem feito boa parte do seu trabalho atualmente.

A mediação da informação feita na biblioteca serve para dinamizar a informação disponível e “não se restringe à leitura, mas estende-se aos serviços informacionais que o profissional cria, planeja e desenvolve para o usuário, em sua unidade de informação” aponta Barros (2003).

O profissional da informação - bibliotecário ou MIP [Moderno profissional da informação] - deve entender que a área física da biblioteca "perdeu" seus limites, simbolicamente, e deve ser ele a demonstrar isso, por meio de sua atuação proativa. Assim, as atitudes profissionais de hoje devem espelhar os perfis e os papéis assumidos dentro das funções histórica e culturalmente definidas para o profissional da informação, cujo propósito mais recente se liga à disseminação, à transferência da informação e ao seu aproveitamento. (BARROS, 2003, p.36)

Como profissional da informação, o senhor Evando é responsável pelas atividades disseminativas da Biblioteca Comunitária. As atividades disseminativas eclodiram do pressuposto de que há informações a serem disseminadas e de que é preciso estratégias e técnicas de comunicação para sejam viabilizadas. Da carência de informações da comunidade da Vila Penha vide o caso dos alunos de uma escola vindos de outra biblioteca em busca de informações sobre a Vila da Penha.

Santos e Perruzo (2004) contam no livro “Vila da Penha” que Renan, Rodrigo e mais dois garotos vieram de uma outra biblioteca do bairro de Irajá “afirmando que não

encontraram o assunto que estavam procurando”. Bom, o que estavam em busca era de uma fotografia e sobre a história do bairro da Vila Penha. O senhor Evando narra que:

Após procurar intensamente nas enciclopédias Barsa e Delta Larousse e nada haver encontrado, telefonei para um amigo que possuía um livro falando sobre o bairro de Irajá, que disse nada possuir a respeito, não podendo, assim, me ajudar. Conversei com Renan e Rodrigo, solicitando-lhes que retornassem dali a dois dias, para ver se havia encontrado alguma coisa que os atendessem. Dois dias antes, fui à casa de uma senhora chamada Magdala, com quem não tinha muita intimidade, mas que prontamente aquiesceu em ajudar-me, e quando falei sobre a necessidade de escrever a história do Largo do Bicão, ela mandou-me esperar um pouco e minutos após trouxe-me as fotos por mim solicitadas, entregando-me, dias após, sua história. (SANTOS; PERRUZO, 2004, p.17)

Figura 3 - Trabalho escolar sobre a Vila da Penha



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Pode-se afirmar que o que foi desenvolvido na unidade de informação, naquele momento, foi uma atividade educacional diante da fragilidade da situação – do desamparo informacional dos jovens estudantes -, o profissional da informação atuou como mediador da informação e também como educador das crianças.

Nesse papel educacional, o profissional da informação é certamente o mediador da informação, até com nuances ora de professor, ora de tutor, muito mais evidente - e preocupante - quando se pensa na transmissão do saber à distância (diferentemente da presencial), envolvendo novas mecânicas e novas ferramentas. No caso, a interação e a facilitação entre sujeito - objeto e entre sujeito - meio, que caracterizam a mediação da informação, abrangem a produção, a circulação e a transferência do conhecimento, seja no formato tradicional, seja num formato inovador, desdobrando-se nas mais diversas atividades inerentes ao processo. (BARROS, 2003, p.42)

A fotografia da Vila Penha buscada pelos estudantes foi encontrada no livro “Freguesias do Rio Antigo” do escritor Noronha dos Santos. No entanto, mais além, esta atividade educacional transformou-se em uma atividade disseminativa e um exercício à memória local, pois foram coletados vários depoimentos e relatos dos moradores do Largo do Bicão e materializou-se no livro “Vila da Penha” de Evando dos Santos e Solange Perruzo com a organização das professoras Albertina Ramos e Maria José de Carvalho.

Pela Constituição Brasileira, Dos Direitos e Garantias Fundamentais, no artigo 5º é dado o direito à informação, à cultura, à educação e à memória a todo cidadão brasileiro. O direito irá se efetivar a medida que as etapas de seleção e transferência da informação forem se cumprindo. Como já é de conhecimento, o acesso à informação no Brasil passa por várias questões que dificultam a sua disponibilidade.

O discurso de que a biblioteca comunitária tem como propósito a isenção do indivíduo na sociedade, o desenvolvimento intelectual, cultural e social, além do bem-estar comunitário para melhoria das condições de vida nem sempre condiz com a realidade. A tão falada democratização da informação é para poucos no Brasil. Para colher a memória social da sua comunidade, a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto necessitou fazer por meios próprios a construção da memória coletiva, o que seria diferente em uma instituição tradicional e com recursos. Para concluir, Barros (2003) afirma que:

As atividades de disseminação da informação, na biblioteca pública, envolvem tarefas e, por conseguinte, aportes operacionais. São, portanto, atividades trabalhosas e que demandam critérios e responsabilidades, para não caírem no amadorismo romântico e ingênuo. Se a informação tem a força que se lhe atribui, a disseminação da informação procura se apropriar dessa força para, primeiro, canalizar a informação para o usuário e, segundo, buscar a transformação social, pelo desenvolvimento cultural, lidando com o passado, o presente e o futuro, nas devidas dimensões. (BARROS, 2003, p.74)

6 HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA TOBIAS BARRETO DE MENEZES

A comunidade da Vila da Penha, mais precisamente na altura do Largo do Bicão, e a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes (BCTBM) tem um forte vínculo. Este laço entre biblioteca e seu público é característico da própria definição de biblioteca comunitária em que faz crer que seus usuários são parte de uma comunidade.

Uma das características essenciais da biblioteca comunitária é a delimitação geográfica. Para Stumpf (1998) "[...] a biblioteca comunitária, vista como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica". Pode-se dizer que a BCTBM prioriza o atendimento informacional, bem como se importa com a construção da memória local.

A associação entre biblioteca e memória ecoa até mesmo na literatura mundial. Na conhecida peça do dramaturgo irlandês Bernard Shaw no ato II de César e Cleópatra ao ver o fogo consumir a Biblioteca de Alexandria, Teódoto diz a César: "O que está queimando aqui é a memória da humanidade".

São estabelecidos locais com o intuito de construir histórias e desenhar novas passagens para configurar territórios para práticas de criação e consolidação de identidades culturais, onde atuam concentrações de potência social da comunidade, gerando uma conexão social. A partir disto, um lugar de memória também poder ser composto na biblioteca comunitária.

Pela visão estabelecida por Nora (1993), a memória não se trata de uma versão sobre acontecimentos passados, mas de um conjunto de saberes permanentemente transformado em práticas no presente, dando uma continuidade sem fissuras temporais. Portanto, memória é puro presente e inclui as lembranças, também socialmente referidas.

Já a história é o registro do que a memória restaurou do passado. Ela administra tudo o que é memorável e configura vinculação entre vestígios ou indícios e campos documentais. Nora chama de História a construção das versões.

Por uma necessidade dos próprios moradores da Vila da Penha, mais precisamente dos estudantes do ensino fundamental, a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, na figura do senhor Evando dos Santos, notou que deveria colher informações sobre o bairro. Na tentativa de recuperar informação por meio de obras de referência viu-se frustrado e foi direto a fonte: colher relatos sobre a história do bairro através dos moradores mais antigos.

As histórias de vida abrigam possibilidades de diálogo entre o passado e o presente e constituem mananciais de ligação com o futuro. A contemporaneidade busca maneiras de valorizar a necessidade de interação e convivência nos diversos espaços sociais. A experiência e a subjetividade ganham elos de sentidos entre as pessoas do mundo atual.

A necessidade de construir e registrar a memória também se faz muito presente na BCTBM. Para Carvalho (2004) “(...) entendendo que, ao socializar os modos de pensar e fazer destes habitantes locais, emergirá uma obra de ação comunitária, na qual o trabalho coletivo acumulado se manifesta nas falas e objetos por eles próprios selecionados e construídos.” (CARVALHO, 2004 apud SANTOS, PERUZZO, 2004, p. 14).

Pela visão de Nora, esses lugares de memória ganham forma na ocasião em que a memória decorre de uma organização voluntária, intencional e seletiva. “Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14).

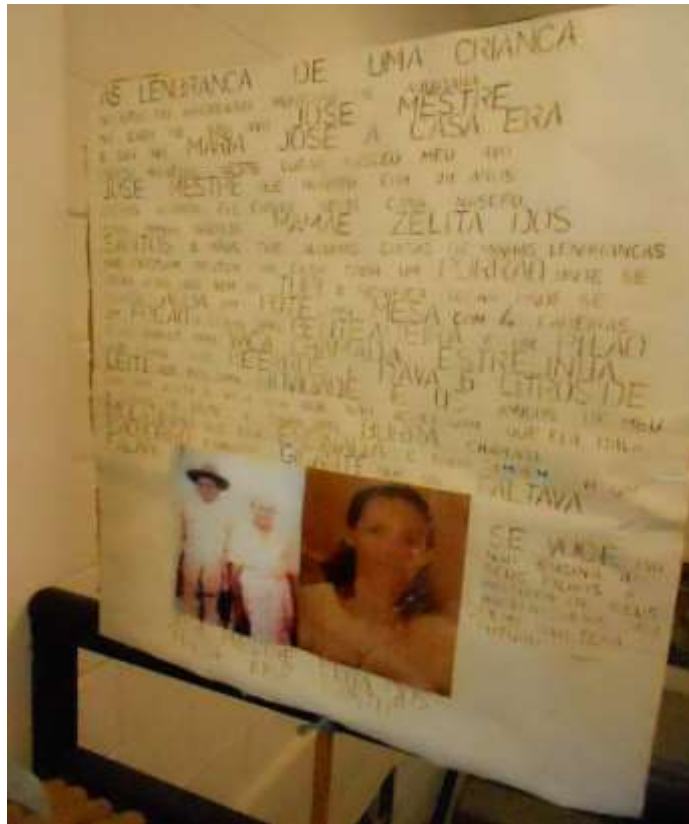
Os lugares de memória aparecem quando não há memória espontânea. Então nascem os acúmulos de testemunhos, documentos sobre o passado ou vestígios que se tornarão registros daquilo que foi construído. A Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes tem esta função de salvaguardar uma memória da comunidade da Vila da Penha que deixou de ser múltipla e coletiva, para se tornar única.

Figura 4 - Infância do senhor Evando em barro



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Figura 5 - Cartaz sobre a infância do senhor Evando



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Ao analisar o fenômeno da memória e como ocorre sua construção, percebe-se uma dissonância entre a memória de um único indivíduo e uma memória coletiva, uma vez que a memória coletiva precisa de uma maior atenção aos vários eventos ou pontos de referência que fazem parte do arcabouço da memória de um indivíduo, mas, que também se inserem na coletividade que pertencemos.

Halbwachs (2006) apresenta a ideia toda memória é coletiva, não existe memória que seja puramente individual. Só há lembrança quando nos tornamos seres sociais e partilhamos valores e crenças com outros indivíduos, ou seja, quando estamos imersos na cultura e partilhamos coisas em comum com pessoas e grupos que nos rodeiam. As lembranças não são individuais, mesmo nos momentos sozinhos, o que se mostra, na verdade, é um punhado de significados dados por outras pessoas e outras lembranças que ajudam a moldar e dar sentido à memória.

A história é supervisão do passado, de seu sentido, interpretação. As sociedades históricas são sociedades do registro escrito. O que Nora (1993) diz o que é história é o que

arquiteta como versão, baseada em autoridade de qualquer natureza e que se investe de uma “racionalidade”. A história fundamenta-se em documentos como fontes objetivas. Pollack (1992) posiciona-se da seguinte maneira:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de todo tipo. Desse ponto de vista a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita deve ser tomada tal e qual ela se apresenta. [...] Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária. (POLLAK, 1992, p.207)

Na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, os registros da memória, como em qualquer outra unidade de informação, são destinados a manter e consolidar a identidade cultural, ao se configurarem como patrimônio documental e bibliográfico. A materialização da memória na unidade de informação é produzida pelos moradores e pelo senhor Evando no sentido de reter a história da comunidade.

Figura 6 - Painel no museu da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes

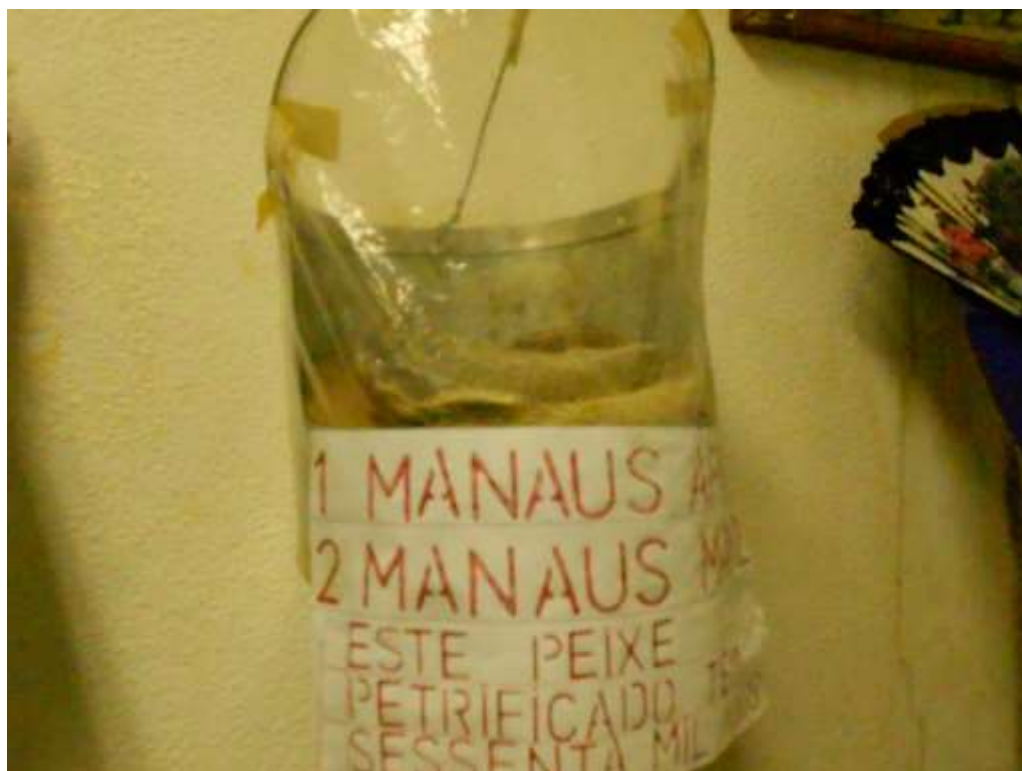


Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

A BCTBM conta com um museu construído a partir de doações de materiais. No acervo são encontrados objetos que possibilitam que os sujeitos sociais, ativos e construtores da memória “percebam e experimentem subjetivamente suas posições e identidades como algo tão real e concreto quanto os objetos que os simbolizam” (GONÇALVES, 2007, p.21). Assim, o museu se compõe como um lugar de lembranças e esquecimentos, onde os objetos, como vetores de significação, mostram e escondem determinados sentidos sobre o passado, quando adotados pelo espaço museológico.

Os espaços museológicos são “(...) propícios à pesquisa histórica, (...), aptos em inserir os objetos em seu contexto de produção e significação social” (JULIÃO, 2006, p.95). Deste modo, reavaliemos o caráter meramente preservacionista e problematizemos o processo de produção das memórias construídas nos museus da Biblioteca em questão. O que pode nos revelar, por exemplo, uma fósil de peixe petrificado vindo como doação de Manaus? O que possibilita objetos relacionados à caça serem ressignificados como memória num museu de uma biblioteca comunitária na Vila da Penha do Rio de Janeiro? Quem direciona os significados construídos através dos objetos, por que e com que interesses?

Figura 7 - Peixe petrificado



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

O museu da BCTBM pode ser considerado como uma prática memorialista porque "investe na reconstrução do passado, construindo e reconstruindo a memória documental, em permanente cotejo com a história" (BARROS, 2003, p.76). Não é apenas a memória da comunidade que se tenta preservar, mas é a memória do país que o espaço museológico tenta conservar, além de agregar a identidade cultural do local a também do Brasil.

Le Goff (1994) afirma: "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje". Pode-se então corroborar que a memória é a base para a construção das identidades, individual e coletiva. Sua função é a de dar sentido às trajetórias singulares e plurais. Memória e identidade estão intimamente ligadas e têm uma função social fundamental: manter os grupos sociais coesos, unidos, o que lhes permite compartilhar crenças e valores fundamentais para a sua sobrevivência.

Todavia, algumas questões se interpõem. Não há pessoal preparado e especializado na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, o que leva a preocupação quanto ao nível de conhecimento e de compreensão, em geral, sobre o que "seja memória de que se fala, como ela é constituída, como deve ser conservada e preservada para ser disseminada" (BARROS, 2003, p.77).

O direito à memória, como fator de cidadania, não estaria sendo posto em risco, tanto quanto o patrimônio histórico-cultural pela falta de conhecimento e/ou preparo de quem trabalha na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes? Quais os critérios para estabelecer o que é principal e secundário; expressivo e inexpressivo, valioso e comum? Nem sempre é possível ter claro que há valores objetivos e subjetivos envolvendo o que é memorável. Daí o patrimônio cultural envolve também diversidade de conflitos, juízos e resistências ao se constituir, inclusive, como herança.

A figura 8 representa bem o questionamento acima. Trata-se de um animal taxidermizado que pelas condições que está conservado deveria ter um tratamento diferenciado na sua preservação. Medeiros (2013) anuncia da seguinte maneira:

A conservação preventiva em museus busca soluções eficazes e de custo baixo para interromper ou minimizar a deterioração do seu acervo. No caso dos animais taxidermizados, principalmente de cunho expográfico, os parâmetros de conservação e os métodos de mitigação possuem um número de publicações bem reduzido. Se tratando em grande parte de material orgânico, para elaborar dados relativos a conservação dessas coleções, foram utilizadas recomendações voltadas para preservação de objetos com mesmas características. (MEDEIROS, 2013, p. 28)

Figura 8 - Gavião-carijó taxidermizado



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Outros materiais também não se encontram em estado de conservação adequada. Na figura 9 é o que seria um casulo de abelha africana também doada por terceiros, mas que se encontra em condições inadequadas de armazenamento.

Figura 9 - Material em má conservação



Fonte: fotografia tirada pela própria autora em 12 de julho de 2016

Dar sentido ao que pareceria não ter sentido faz parte da constituição da memória e a sua preservação contribuindo para imprimir dinâmica e status à instituição cultural em pauta. Chagas afirma (2002, p.18-19), quanto aos museus: "...preservar testemunhos materiais não é sinônimo de preservar memória [mas importar] a possibilidade de comunicações de ideias, sentimentos, sensações" e que "... a preservação de representações de memória é apenas uma das funções museais e sequer se pode garantir que seja a principal ou mais importante".

A prática social de preservação de bens culturais quando apresenta o documento como testemunho/prova documental ligada a uma instituição, para o seu uso e para o serviço em si, com estas ao futuro. Como decorrência, a ordem natural, original, dos documentos nem sempre pode ser mantida, já que o item arquivado atende determinados objetivos quanto à origem jurídica, ao caráter seriado à unicidade do material. Diante disso, Barros (2003) contribui afirmando:

A relação entre informação e documento não se estabelece da mesma maneira entre a informação contida no documento de arquivo, no livro e no documento científico. Porém, a própria preservação (o seu propósito) implica a "hora da comunicação" e aí, os métodos, técnicas, tecnologias e produtos informacionais que a envolvem podem ser bastante semelhantes. (BARROS, 2003, p.80).

Para uma biblioteca comunitária como a Tobias Barreto de Menezes deve existir uma missão colaborativa com a comunidade no intuito de construir um acervo com as histórias de vida, que visa a preservação da memória desta comunidade, das histórias que circundaram pelo bairro e que não podem se perder, histórias que atravessarão gerações e que adentram na cultural e tradições que os moradores desejam que se eternizem se não na prática, mas ao menos na oralidade e que se dará através do registro dessas ações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes como muitas outras bibliotecas brasileiras passam por dificuldades tanto financeiras quanto estruturais. Não é simples manter uma unidade de informação de portas abertas quando não há dinheiro para pagar a funcionários ou mesmo contas básicas como água ou energia. No entanto, é sabido que as atividades da unidade de informação não se limitam aos muros de sua construção.

O que esse trabalho sobre histórias de vida e a construção da memória procurou contribuir, portanto, “não é a importância abstrata do indivíduo, alardeada pelo capitalismo competitivo e liberal, mas a importância idêntica de todos os indivíduos” (PORTELLI apud RIBEIRO, 2000). Desta maneira, a memória, ainda que individual, aponta para uma experiência social da coletividade da Vila da Penha – Largo do Bicão.

A construção, o registro e a materialização das histórias de vida relatadas pela Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes pode ajudar a consolidar e a disseminar a memória da comunidade da Vila da Penha desde que passe por transformações e melhoramentos na maneira em que conduz sua conservação e preservação da memória.

Ainda que não tenha formação de bibliotecário, o senhor Evando atua como agente de disseminação da informação e da cultura incessantemente dentro e fora da sua comunidade, sempre com a preocupação de incentivar a leitura e converter novos leitores. No entanto é fato de que precisa de assistência de outros profissionais da informação para dar continuidade ao seu trabalho com qualidade e eficácia.

A Biblioteca fez e ainda faz um trabalho muito importante para comunidade da Vila da Penha. Os moradores do Largo do Bicão ganharam voz e desenvolveram aquele sentimento de pertencimento tão discutido por Bauman (2003). Nota-se uma preocupação em resgatar os valores e as tradições para não se perderem e fazendo com que os mais novos conheçam o passado e um pouco da origem da comunidade com base nos depoimentos dos moradores mais antigos, poderão entender ou fazer um paralelo de como se encontra a sociedade do seu bairro.

Arraigar-se desta maneira a essa comunidade uma herança que está sendo preservada, mas que precisa de cuidados para fincar raízes culturais definitivas da Vila da Penha com o objetivo de fixar em registros estas histórias, para que não venham a cair no esquecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora UEL, 1997.

BARROS, Maria Helena T. C. **Disseminação da Informação: entre a teoria e a prática**. Marília: s.n., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre "O Nome da Rosa". **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 01-20, 2006.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia; ARAIPE, Fátima Maria Alencar (org.). **Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

CHAGAS, MÁRIO. Cultura, patrimônio e memória. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.31, p.15-29, an./jun. 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. *In: SÃO PAULO (cidade)*. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 37-46.

_____. Apresentação: Os trabalhos da memória. *In: BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. XVII-XXXII.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: Coleções, Museus, Patrimônios. Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JULIÃO, Leticia. A pesquisa histórica no museu. In: **CADERNO de Diretrizes Museológicas I**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006, p. 93-105.

LE GOFF, Jacques. **Memória. História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil**. Revista CRB-8, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 3-11, ago. 2010.

_____. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 183 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____; PRADO, Geraldo Moreira. **Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária**. Disponível em:<<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1359/Territ%c3%b3rio.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

_____. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n.1, p.80-94, jul./dez. 2009.

MARANON, Eduardo. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: _____. **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta Gráfica Editora, 2010, p. 11-32.

MEDEIROS, André L. V. **Parâmetros para conservação e higienização do acervo ornitológico taxidermizado**: estudo de caso da coleção Carlos Ritter. 2012. 50 f. Trabalho de conclusão do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis.

MORIGI, Valdir Jose; SEHN, Ana Paula. Memória, identidade cultural e biblioteca comunitária: um estudo de caso em Linha Andréas, em Venâncio Aires – RS. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 15, n.29, p. 79 - 102. jun./jul. 2014.

MULLER, Suzana P.M. (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n.10, p. 27-28, dez. 1993.

O acervo da Biblioteca Comunitária da Vila da Penha. Disponível em:<<http://vivaentreamigos.blogspot.com.br/2011/08/o-acervo-da-biblioteca-comunitariada.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PERUZZO, Cicilia. Comunidades em tempo de redes. In: **Comunicação e movimentos populares**: quais redes? São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 275-298.

PRADO, Geraldo Moreira. **A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação**. Revista IBICT, Brasília, v.3, n.2, p.143-149, jan./jun., 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Valdei Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 103-130.

_____. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **PROJETO HISTÓRIA – Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)**. São Paulo, EDUC, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **PROJETO HISTÓRIA – Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)**. São Paulo, EDUC, n. 15, p. 13-33, abr. 1997.

RIBEIRO, Paula. **Saara - uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro. (1960-1990)**. 244 p. Dissertação de Mestrado - Programa de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. 2v.

SANTOS, Evando dos; PERUZZO, Solange. **Vila da Penha**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004.

SENNA, Ana. **Capital social e recursos educacionais em bibliotecas sociais em espaços vulneráveis do Rio de Janeiro**. 90 p. Trabalho (Qualificação de doutorado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SENNA, A.; SANTOS, M. J. V. C.; MIRANDA, M. F. B. Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 16, 2010. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro, 2010.

STUMPF, I. R. C. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, v. 3, n. 1, p. 17-24, 1988. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/3482>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, declaro estar devidamente informado e de acordo em participar da entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Para além dos muros: histórias de vida e a construção da memória na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes”, concedida a aluna Amábile Grilo Silva, do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de colaborar para a pesquisa em questão, autorizando a utilização das informações por mim prestadas. As entrevistas serão transcritas e os nomes dos sujeitos da pesquisa serão expostos, devido às características socioculturais do estudo.

Assinatura: _____

Nome: _____

Local e data

Pesquisadora: Amábile Grilo Silva

Orientadora Doutora: Maria de Fatima Sousa de Oliveira Barbosa

Coorientadora Doutora: Patrícia Malmann Souto Pereira

E-mail: amabilegrilo@gmail.com

APÊNDICE B – ENTREVISTA FEITA COM O SENHOR EVANDO

12 de Julho 2016 – Biblioteca Comunitária Tobias Barreto

Entrevistado: Evando dos Santos

Entrevistadora: Amábile Grilo Silva

A: O senhor fundou essa biblioteca em 19...?

E: A Biblioteca Tobias Barreto foi fundada em 17 de Julho de 1998, com apenas cinquenta livros, no mesmo dia em que eu fui consertar um vazamento na casa da dona Benedita na Rua do Cajá, na Penha. Era 13hs, eu estava com a minha bolsa de ferramentas, na companhia da minha esposa Maria José, quando descemos do ônibus 942, me deparei com uma loja de peças de automóveis do senhor Luís Tinoco Cozzolino, já falecido, haviam cinquenta livros naquele balcão, esses cinquenta livros – dos quais eu te mostrei na entrada da biblioteca – na estante um, Machado de Assis/Tobias, estão a Coleção dos Titãs e Histórias do Brasil, do Pedro Calmon. Peguei esses cinquenta livros, pus em uma sacola, fui consertar o vazamento da dona Benedita na Rua do Cajá, trouxe os livros já com a ideia de montar uma biblioteca e me veio à mente Tobias, porque foi o primeiro filósofo brasileiro a defender as mulheres, homem muito sábio, considerado um dos maiores gênios da literatura brasileira, da filosofia, do direito e da poesia do condoreirismo, colocamos ele como patrono, voltei lá (loja de peças) dias depois, tinham mais trezentos livros, ele trouxe, a biblioteca nasceu e cresceu na rua Engenheiro Augusto Bernacchi, 130, com cinquenta livros e hoje nós temos um acervo de setenta mil livros.

A: E a sua história com a leitura, o senhor começou a ler mais tarde do que as pessoas no geral, e o que foi que lhe motivou a começar a ler e aprender a escrever?

E: Eu quase não sei escrever, eu só sei ler, o que eu escrevo só quem lê sou eu mesmo, porque eu como letras... eu aprendi a ler na Bíblia quando eu fui pra Igreja Batista em Vista Alegre, o Pastor José Evangelista, um dia na classe da Escola Dominical, dos novos convertidos, depois que terminou, ele me chamou e disse: “Evando, – com muito cuidado – lê”. Ele disse: “é como comer feijoada, você tem que descobrir o sabor”. E, realmente, é. Você vai comer uma feijoada, tem algo na feijoada que você gosta mais e você só quer comer aquilo. E aí ele me deu um dica: “Olha, o conto é maravilhoso, o romance, tudo na literatura é bom, mas, a parte da literatura que é mais sensível, e que é a melhor pra você iniciar na leitura é a poesia.

Realmente, aí eu comecei a ler na Bíblia os Salmos, e o primeiro texto que eu li e entendi foi o Salmo 23. “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará...” E depois eu descobri os clássicos e comecei a ler e quando trabalhei na Vila do João como pedreiro, descobri lá um pedreiro chamado Dernival Pereira Santos, ele era um homem muito sábio, terminávamos o almoço, íamos para um canto, ele era muito rigoroso, muito desconfiado, éramos eu e um outro electricista, o electricista quase não ia, mas eu sempre que podia eu ia para ouvir as palavras de Dernival Pereira Santos, ele falava sobre Shakespeare, Tobias, Castro Alves, Machado de Assis, Rui Barbosa, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, então, ele dava uma aula, daí eu conheci os clássicos. Pra mim, clássicos era um cigarro da Souza Cruz que tinha antigamente. Daí um dia ele falou: “Deixa de ser besta, clássico é uma literatura muito especial, clássico é aquela literatura que quase não tem defeito, a crítica considera uma leitura quase que perfeita, aí é que eu fui entender o que era clássico.

A: Esse prédio da biblioteca começou em que ano e como?

E: Esse prédio, em 2012, ele completou cinco anos, então são nove anos, então esse prédio vai completar dia doze de dezembro nove anos. E a biblioteca em si, completa 19 anos dia dezessete de julho.

A: Como o senhor conseguiu ajuda do Oscar Niemeyer e aprovação do BNDES?

E: O Professor Niemeyer, eu estava fazendo um piso numa rua aqui perto, cheguei em casa eram 13hs, liguei a televisão no canal Bandeirantes, tinha aquele programa da MultiRio, da prefeitura, e neste dia estava sendo entrevistado o Professor Oscar Niemeyer, e em seguida, o Conde. Apareceu o telefone do rodapé, eu anotei e liguei, levou mais de meia-hora para alguém atender. Uma moça atendeu e disse: “Que ideia maravilhosa, você vai falar diretamente com ele no ar”, e aquilo levou meia-hora, eu ouvi pelo telefone a moça dizer: “Ih, será que o Sr. Evandro ainda está no telefone?” Eu ainda estava. Daí, eu falei diretamente com ele no ar e lhe pedi ajuda, e ele me disse: “Que tipo de ajuda? Gostei da sua ideia.” Tínhamos seis mil livros na garagem na rua Engenheiro Augusto Bernacchi, 130, e daí ele me falou: “Quando você tiver o terreno, eu te dou o projeto, mas ninguém me deu terreno, este terreno era meu e da minha mãe Zelita da Cruz da Mata e nós doamos essa parte, registrada em cartório no RGI pra fazer a biblioteca. Daí, o projeto dele eu fui buscar, tinha o projeto, o terreno, então como fazer? Bem, eu tinha um sonho, então, o jornal Estadão fez, num domingo, me botou na capa com uma foto linda; “o pedreiro literário com biblioteca na garagem ganhou um projeto do Niemeyer...”. Tínhamos um sonho de enviar livros pra

Angola, 90% dos negros que vieram para o Rio de Janeiro, eram os negros Bundas, de Ambundos, Quimbundos, bunda não tem nada de palavrão, é uma língua, temos até uma gramática desta língua, daí, um descendente de Angola, leu a matéria, me ligou e me falou: “Você tem essa gramática, vou ao Rio de Janeiro, eu quero ver”. E eu falei, mas temos um projeto de mandar livros para Angola, daí, através dele e da Associação Angolar César, nós conseguimos mandar quatro mil e seiscentos livros, então me veio à mente, ‘vamos ver se trazemos o Consul Geral de Angola para tomar um chá na Academia Brasileira de Letras, daí eu liguei para o Dr. Paulo Mercadante, grande amigo que faleceu, grande amigo da biblioteca, um dos maiores biógrafos do Tobias Barreto, ele (PM) é jurista e filósofo, me disse: “Eu vou ligar para o meu amigo Antônio Olímpio, daí Olímpio disse: “Para o chá eu convido, eu quero ver se ele traz o Consul. Eu já tinha falado com esse moço, tínhamos combinado, e no dia marcado nós fomos tomar um chá na Academia com o Consul, a revista Angola hoje fez quatro páginas sobre a ida do Consul e tudo mais. No dia do chá, tinha um fotógrafo, e ele estava com um livro na mão, tentei pegar o livro e ele me disse: “Não, esse livro, não.” Eu anotei o nome do autor, Professor Agenor Ribeiro, grande jurista, filósofo, chegando em casa, eu não tinha o telefone dele, me deitei no quarto que tem mais de três mil livros, levantei e fui mexer em uma pilha de livros e achei uma revista da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, e lá tinham o telefone e o endereço do Dr. Agenor, liguei pra ele, ele me deu o livro, e eu fui na casa dele buscar, e daí, tinha o telefone do Ricardo Maranhão, ex-vereador, liguei para a casa dele na sexta-feira e ele não estava, e no sábado ele estava, ele atendeu e disse: “Olha, eu conheço a sua história, eu vi no Estadão, você pega o projeto do Niemeyer, pega a folha do Estadão e me traz dia tal, no Conselho de Engenharia na Av. Rio Branco. Eu vou levar o projeto para a Governadora Rosinha, para o Prefeito César Maia e vou levar para o BNDES, pra ver se a gente consegue recurso para fazer a obra”. A Governadora Rosinha, a quem eu tenho muito apreço, ela nos concedeu um título para captar recursos na iniciativa privada, não conseguimos, mas ela foi uma pessoa muito boa. O BNDES leu o projeto, gostou, e me ligou e começou o projeto, o projeto veio da ideia de um livro que eu li no chão da Academia Brasileira de Letras e o BNDES fez essa obra que custou seiscentos e trinta mil reais, o BNDES doou para a biblioteca, seiscentos e cinquenta e um mil reais e nesta obra sobrou vinte e um mil reais que Associação Centro Cultural de Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, devolveu para o BNDES, é a única obra pública que devolveu dinheiro vivo para o BNDES, não foi gasto e devolvemos a quantia de vinte e um mil reais. Então, aqui está a história, nos detalhes, de como surgiu a obra, o projeto e como foi construída.

A: O senhor disse que a biblioteca possui um estatuto...

E: Sim, a biblioteca possui um estatuto, um CNPJ, porque se não tivesse não poderia ter sido feita pelo BNDES, tem a diretoria, tem o conselho fiscal, o conselho financeiro, aqui tem tudo. Cada pessoa tem os seus afazeres, nós temos uma reunião a cada seis meses, às vezes não dá, então fazemos uma reunião anual com a diretoria para falar sobre os assuntos, o que foi feito... o básico, a biblioteca quando não tem visitante, ela está na rua com o Homem-Livro, dando livros e falando de livros e dando poesia.

A: Quais são as atividades que o senhor faz fora da biblioteca em busca de novos usuários?

E: Para os novos leitores nós temos o personagem, Homem-Livro, vamos de duas a três vezes por semana em cada ponto do Rio de Janeiro, falar de lá e dar um folhetinho com uma bala. E o tema é: “Ler a historinha do passeio, é como chupar uma bala, doce com mel”. Damos a historinha do passeio com uma bala, fazemos quarenta ou cinquenta, ficamos umas duas ou três horas ali, dando aquele folhetinho e dando bala. Vamos nas escolas, procurando por parcerias para fazermos um arrastão naquele local dando revistinha da Turma da Mônica. Quando eu não estou lá, (na biblioteca) eu estou na parte da manhã, a biblioteca abre na parte da manhã, mas eu estou em casa, se alguém me ligar e quiser vir pegar um livro, eu venho, abro a porta e lhe entrego. E isso funciona para sábado, domingo, feriado. Ali na entrada, tem o meu telefone de casa e o meu celular, não tenho secretária, a pessoa liga e eu venho abrir. A biblioteca tem uma série de limitações financeiras, mas ela nunca deixa de atender os que a procuram.

A: O senhor pode falar um pouco mais sobre o arrastão literário?

E: No arrastão literário, vamos para dar livros e elegemos um patrono, por exemplo, fizemos no ano passado dois arrastões literários com a Escola Municipal Roraima com bastante alunos. E no primeiro arrastão nos homenageamos Solano Trindade, uma das mentes mais prodigiosas da poesia brasileira, ele foi esquecido, já ouviu falar em Solano Trindade? Um gênio da poesia brasileira. Nós levamos uma foto, folhetos, tem um poema dele lindo, que eu não lembro aqui agora, mas Solano é genial. Então, com as crianças, nós distribuimos quinhentas revistinhas da Turma da Mônica, mais de cem folhetinhos com uma bala contando a História de Cordovil, resgatando a história local através das próprias crianças. Depois fizemos outro arrastão dia dezoito de abril em homenagem ao Dia Nacional do Livro em que o homenageado foi o Monteiro Lobato, a Escola fez, acho que, trezentos folhetins sobre

Cordovil e sobre a ideia de ler. Então eu lhe faço uma pergunta; Qual biblioteca você viu dia dezoito de abril dando bala literária e distribuindo revista ou livro? Eu não vi, você viu, no Rio de Janeiro?

A: O projeto da Biblioteca Comunitária lá na UFRJ tem uma distribuição de livros lá na vila residencial da UFRJ.

E: Mas eles vão pra rua, dia sim, dia não...

A: Não, é dentro da vila residencial um sábado ao mês.

Dia dezoito nós fizemos, fizemos um outro e todos os dias eu saio e dou um livro, e quando não tem a Escola, eu mesmo vou pra rua vestido de Homem-livro dar livros. Eu escolho um ponto do Rio de Janeiro e vou fazer, vamos fazer um arrastão? Em qual dia, quantos alunos podem ir juntos? Vamos fazer sabe aonde, na Rua do Piolho?

A: Onde fica?

E: Você é carioca?

A: Não, sou baiana, de Feira de Santana.

E: Mora aqui a quanto tempo?

A: Há uns seis anos.

E: Você vai se formar e voltar para a sua terra?

A: Não, eu pretendo ficar.

E: Então, a Rua do Piolho é a Rua da Carioca. Mas por que Rua do Piolho, não tem nada a ver com o piolho mesmo, piolho era um rábula, que sabia tudo de Direito, mas não tinha feito um curso, antigamente era rotulado de rábula aquelas pessoas que não tinham um curso de direito, que conhecia tudo de direito e a OAB dava a ele um diploma de Bacharel pra ele exercer a profissão mesmo não tendo feito o curso de direito, então, chamava-se: rábula. E esse rábula, isso em mil e setecentos, ele vivia pela cidade procurando causa e apelidaram ele de piolho como ele morava naquela rua que não tinha nome, então, eles colocaram o nome Rua do Piolho em homenagem a esse rábula e depois eles tiraram a Rua do Piolho e colocaram a Rua da Carioca. Então, já tem a historinha que tem que ser digitado, colar uma balinha e vamos com cem folhetinhos daqueles para a Rua do Piolho falar da historinha da

Rua do Piolho, é assim que a gente faz, porque você não conhece a história do Rio de Janeiro se você não fizer isso, eles andam por aí falando do Rio de Janeiro, mas você já viu eles falarem de livro? Por exemplo, eu levo comigo um livro, que você não pode sair de casa sem livro, eu saio de casa com a Bíblia e três livros, fora os que eu vou dar, porque você não pode ser exemplo, se você não vive o dia a dia, por exemplo: Kant. O maior dos filósofos da Renascença, ele diz: “Não basta saber, tem que fazer”. Se você sabe tudo e não faz nada, não adianta nada, entendeu agora?

A: Entendi.

E: Então é isso, a Rua do Piolho estamos bolando em fazer, por exemplo, nós tivemos um arrastão, há três anos que eu estou tentando fazer isso, a criança, tinha uma menina lá que filmou, está tudo lá no *youtube*, ela filmou os nossos dois arrastões. Eu boleei uma ideia, eu vou levar, eu já levei algumas pessoas pra tomar um café na Colombo (Confeitaria Colombo), mas ninguém me convidou pra tomar um café na Colombo, mas eu levo, eu sempre levo, aí levamos dois alunos, essa menina e um aluno e uma professora pra tomarmos um café na Colombo, e aí, o meu sonho eu realizei, era fazer um arrastão sobre Olavo Bilac, nós demos o Hino da Bandeira, que foi escrito por OB e fizemos um belo arrastão, eu as duas crianças e a professora. Tomamos um café na Colombo, fizemos um arrastão sobre OB, eu vestido de OB e depois visitamos o Gabinete Real Português de Leitura, esse sonho eu realizei. E essa da Rua do Piolho, eu vou realizar, independente de quando, eu vou. Eu vou fazer a roupa do Rio de Janeiro e a gente vai pra Rua do Piolho.

A: Além do Homem-livro e do arrastão literário, quais são as suas outras ações literárias?

E: O resgate da história da Vila (da Penha) através dos moradores, tivemos dois livros, o dia a dia na Vila, vamos uma vez por semana no Largo do Bicão fazer uma exposição de fotos sobre a história local, tem alguns filmes desses no *youtube*, por exemplo, a gente vai e não só leva a história, mas também distribui livros lá e contamos histórias da Vila.

A: O senhor possui site?

E: Não, só o e-mail da biblioteca. bibliotecatobiasbarreto@gmail.com.

A: Mas o senhor pensa em fazer um site?

E: Não, porque site requer dinheiro. Tem que contratar alguém pra fazer, tem que ter uma pessoa pra ir colocando os assuntos, então, isso é difícil, porque a biblioteca ela não tem recursos suficientes para fazer isso, ela vai ter, não sei quando, mas ela vai ter. Aqui a gente tem o básico, aqui a gente paga quase quatrocentos reais de luz e água, sou eu quem paga, com mais duas pessoas amigas. Outras ideias, nós temos outras ideias, tem o curso que eu te falei, por exemplo, contadores de histórias já fizemos isso aqui, então, tudo nós já fizemos aqui, agora tudo tem um certo limite. Há um texto em Eclesiastes dois, diz assim: “Há tempo para tudo debaixo do céu e da terra, há tempo de jogar pedra, há tempo de juntar as pedras, há tempo de chorar, há tempo de sorrir, há tempo de correr, há tempo de cair, há tempo pra andar devagar...”. Tem tempo pra tudo, quem ditou isso foi Deus, o grande arquiteto do universo. Então, você vai chegar num tempo que você na sua profissão que você está abraçando, você vai ficar calma, tranquila, não vai querer fazer mil coisas, porque o seu tempo de fazer agora, correr, é a fantasia da profissão, que faz parte, vai chegar um momento em que sai a fantasia, vem o equilíbrio da razão, é a hora de parar, exercer aquilo que já aprendeu e ficar serena. Eclesiastes dois. Mas mesmo assim eu velho já com idade, eu vou pra rua, eu quero desanimar e quando eu abro um livro vem uma mensagem, vem uma coisa boa, e eu me renovo, aí eu uso um termo da Bíblia lá em Jeremias: “E os jovens correrão e não se cansarão, e os velhos como águias voarão”. Então, quem ama o livro é uma águia, mesmo velha tem que arrancar as suas penas e deixar as novas penas saírem e se jogar no penhasco, o penhasco da mesmice, do não sei/não faço/não é assim, essas coisas ficam pra quem não quer fazer, a minha filosofia é fazer, é catiando a tobiática, é fazer. Fazer, se pode fazer, faça. Então, essa é a ideia, na tua terra, nós fizemos dois arrastões, na Bahia.

A: Em quais cidades?

E: Fizemos no centro.

A: Salvador?

E: Salvador. Fui a Salvador duas vezes. Fizemos também um trabalho legal na Fundação Irmã Dulce. Visitamos a cidadezinha onde ela tem uma fazenda, um sítio que tem as crianças, pois é.

A: O senhor lê quantos livros por dia ou ano?

E: Eu já cheguei a ler dez livros por mês, agora eu estou lendo três, eu estou relendo, A República de Platão, todo ser humano deveria ler. E estou dando umas beliscadas no

Introdução à Filosofia de Tobias Barreto, e um livro de poesia do Tobias para ler de noite, eu gosto muito de poesia, a poesia é a base de tudo, por exemplo, tem um poema lindo do Tobias que diz assim: (inaudível) Tobias tem poemas lindos e tem outras coisas, então Tobias, a Graça Aranha disse: “Ler Tobias é progredir, não ler Tobias é regredir”.